

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE

Campus Belo Jardim

Licenciatura em Música

**RUPTURAS E TRANSIÇÕES NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE
LICENCIANDO(A)S EM MÚSICA EM CONTEXTO PANDÊMICO**

Alexandre Félix Bezerra

Belo Jardim
2023

Alexandre Félix Bezerra

**RUPTURAS E TRANSIÇÕES NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE
LICENCIANDO(A)S EM MÚSICA EM CONTEXTO PANDÊMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Belo Jardim, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Valério

Belo Jardim
2023

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO CAMPUS BELO JARDIM
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
COORDENAÇÃO DA LICENCIATURA EM MÚSICA**

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO
DISCENTE ALEXANDRE FÉLIX BEZERRA**

Ao sexto dia do mês de julho de dois mil e vinte três, às treze horas, por meio de videoconferência utilizando a plataforma Google Meet, teve início a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, do discente Alexandre Félix Bezerra, intitulado: **RUPTURAS E TRANSIÇÕES NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE LICENCIANDO(A)S EM MÚSICA EM CONTEXTO PANDÊMICO**. A Banca examinadora foi composta pelos seguintes docentes: Prof.^a Dr.^a Tatiana Valério, presidente da banca e orientadora, Prof.^a Dr.^a Bernardina Araújo, examinadora interna e Prof.^a Dr.^a Vanessa Cavalcanti de Torres, examinadora externa. Após a exposição oral do discente, a banca fez as considerações e, reservadamente, reuniu-se e decidiu **APROVAR** com nota 9,0 (nove) o trabalho sujeito às recomendações sugeridas. A versão final do trabalho deve ser entregue no prazo máximo de trinta dias a partir desta data, na coordenação do curso. Para constar, eu Diego Pedro Maciel dos Santos, Técnico em Música, redigi a presente Ata que, aprovada por todos os presentes, vai assinada por mim e por todos os membros da banca.

Belo Jardim, 06 de julho de 2023

RUPTURAS E TRANSIÇÕES NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE LICENCIANDO(A)S EM MÚSICA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Alexandre Félix Bezerra¹
Tatiana Alves de Melo Valério²

RESUMO: A situação imposta pela pandemia da COVID-19, com a suspensão das aulas presenciais por tempo indefinido, trouxe a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em todas as instituições de ensino do país. Este estudo buscou compreender como se deu a dinâmica da transição do ensino presencial para o remoto e deste para o presencial, no curso de Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim, focalizando a aprendizagem do instrumento musical. Adotamos o pressuposto teórico-metodológico da Psicologia Cultural Semiótica, em especial recorremos aos conceitos de ruptura e transição e aos três níveis de significados (semântico, pragmático e existencial) propostos para compreender a aprendizagem como construção de significados. Este estudo, de caráter longitudinal, utilizou dois questionários online aplicados em tempos distintos: durante o ensino remoto e no retorno ao ensino presencial de música. A análise foi feita de forma interpretativa, à luz do referencial teórico da psicologia cultural. Através dos significados mapeados, foi possível identificar as tensões e medos experienciados pelos estudantes nos períodos de transição do ensino presencial para o ensino remoto e do remoto de volta ao presencial. Também os significados construídos sobre as facilidades e dificuldades enfrentadas nos processos de transição. Novos estudos que explorem quais teriam sido os aprendizados construídos no ensino remoto que foram incorporados ao ensino presencial pós-pandemia foram sugeridos.

Palavras-chave: Covid 19; Ensino remoto; Ensino de música; Psicologia Cultural Semiótica; Ruptura e transição; Níveis de Significados.

ABSTRACT: The situation imposed by the COVID-19 pandemic, with the suspension of face-to-face classes indefinitely, led to the implementation of Emergency Remote Teaching (ERT) in all educational institutions in the country. This study sought to understand how the dynamics of the transition from face-to-face to remote teaching and from the later to the former took place, in the Teaching Training Music Course at IFPE Campus Belo Jardim, focusing on learning the musical instrument. We adopted the theoretical-methodological assumption of Semiotic Cultural Psychology, in particular, we resorted to the concepts of rupture and transition and to the three levels of meanings (semantic, pragmatic, and existential) proposed to understand learning as meaning making. This longitudinal study used two online questionnaires applied at different times: during remote teaching and when returning to face-to-face teaching. The analysis was carried out in an interpretative way, in the light of cultural psychology. Through the mapped meanings, it was possible to identify the tensions and fears experienced by students in the transition periods from face-to-face teaching to remote teaching and from remote back to face-to-face

¹ Concluinte da Licenciatura em Música – IFPE Campus Belo Jardim

² Doutora em Psicologia Cognitiva, docente da Licenciatura em Música – IFPE Campus Belo Jardim

teaching. Also, the meanings built on the facilities and difficulties faced in the transition processes. We also suggested new studies that explore what would have been the learnings built-in remote teaching that was incorporated into post-pandemic face-to-face teaching.

Keywords: Covid 19; Remote teaching; Music teaching; Semiotic Cultural Psychology; Ruptureand transition; Levels of meaning.

1. INTRODUÇÃO

Com a pandemia da COVID-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (BRASIL, 2021), o mundo sofreu uma série de mudanças em todas as esferas da sociedade, influenciando e determinando novos hábitos, comportamentos e formas de interação. A maior delas foi o distanciamento, o isolamento social. Na educação não foi diferente, a grande mudança foi a transição do ensino presencial para o ensino remoto emergencial (ERE) (BRAGA, 2020), onde todo o processo de aprendizado passou a ser por webinários, videoconferências, oficinas, além das aulas remotas realizadas, em sua maioria, pelas plataformas Google Meet e Zoom Meetings. O material das aulas passou a ser disponibilizado aos estudantes por e-mails, aplicativos de mensagens (WhatsApp), ou ainda através de salas de aulas virtuais, a exemplo do Google Classroom. Tudo isso configurando-se em uma experiência sociocultural totalmente nova para estudantes e professores, além das famílias que, forçosamente, passaram a administrar a dinâmica dos filho(a)s em casa.

Todas essas mudanças, no âmbito educacional, surgiram quando o quadro da doença se tornava cada vez mais grave, em meados de 2020, e as chances de retorno às aulas ficavam cada vez mais distantes. O Ministério de Educação e Cultura (MEC) lançou a portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que dispôs sobre a substituição do ensino presencial pelo remoto durante o período pandêmico. (BRASIL, 2020). Foi lançado em 28 de abril de 2020 um parecer favorável para a reorganização do calendário escolar, apoiado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministério da Educação em 29 de maio de 2020. (BRASIL, 2020) As escolas particulares foram as primeiras a implantar o ensino remoto, entre maio e junho de 2020, seguidas pelas escolas públicas estaduais e municipais. As instituições federais aderiram ao ensino remoto um pouco mais tarde, entre agosto e outubro de 2020. Tal modalidade de ensino perdurou até 2021, quando a partir de decretos estaduais, algumas escolas particulares regressaram às atividades presenciais nas escolas, em regime híbrido – aulas presenciais e remotas, obedecendo a arranjos locais de diversas formas. Ex.: segundas e quartas, estudantes do fundamental em aulas presenciais; terças e quintas, os da educação infantil ou ensino médio.

Esta mudança no modelo de ensino durante o período pandêmico pode ser caracterizada, do ponto de vista da psicologia cultural, como uma ruptura provocada por fatores externos (a disrupção provocada na vida das pessoas não foi decisão das mesmas) (ZITTOUN, 2006; 2012). Foram necessárias adaptações socioculturais de diversas ordens (psicológicas, tecnológicas, metodológicas, econômicas, de logística, entre outras) a este novo modelo de ensino, mas nem todos o(a)s estudantes conseguiram se reorganizar para esse intento, resultando no abandono dos estudos por parte de um número significativo de estudantes. Os que permaneceram precisaram desenvolver formas totalmente novas de aprender, incluindo aí, novas formas de interação com os professores, com os colegas e com o próprio conhecimento. Esse processo de mudança é definido por Tânia Zittoun

(2012) como transição, que pode ser classificada como normativa ou não-normativa. Sobre ruptura e transição discutiremos na seção de fundamentação teórica.

Quando falamos em pandemia da COVID-19 não podemos deixar de refletir sobre os reflexos negativos causados por ela, inclusive na educação, sendo os impactos percebidos não somente na aprendizagem, mas também em relação à evasão. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha (03/01/2021), cerca de quatro milhões de estudantes brasileiros com idade entre 6 e 34 anos abandonaram os estudos em 2020. No ensino superior, 16,3%; no ensino médio, 10,8%; no ensino fundamental, 4,6%. O fator mais relevante apontado foi de ordem socioeconômica, onde as classes mais baixas se destacam no índice de evasão: classes A e B, 6,9% e classes D e E, 10,6%. Um dos fatores que mais contribuiu para isso foi a falta de acesso à internet, assim como o não acesso a smartphones, computadores e tablets - dispositivos essenciais às aulas e atividades remotas.

Em se tratando do curso de Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim, lócus da nossa pesquisa, não foi diferente. O(A)s estudantes tiveram que se adaptar a esta nova realidade, adequar horários, mudar os hábitos de estudo e se inserir em trabalhos convencionais, impedindo que alguns continuassem no curso.

Neste sentido buscamos entender como se deu a dinâmica da transição do ensino presencial para o remoto e do ensino remoto para o presencial na Licenciatura em música do IFPE Campus Belo Jardim. Especificamente buscamos identificar: a) os sentimentos vivenciados pelos estudantes nesse processo; b) os significados construídos sobre a aprendizagem durante as aulas de instrumentos; c) as facilidades e dificuldades experienciadas durante as transições investigadas.

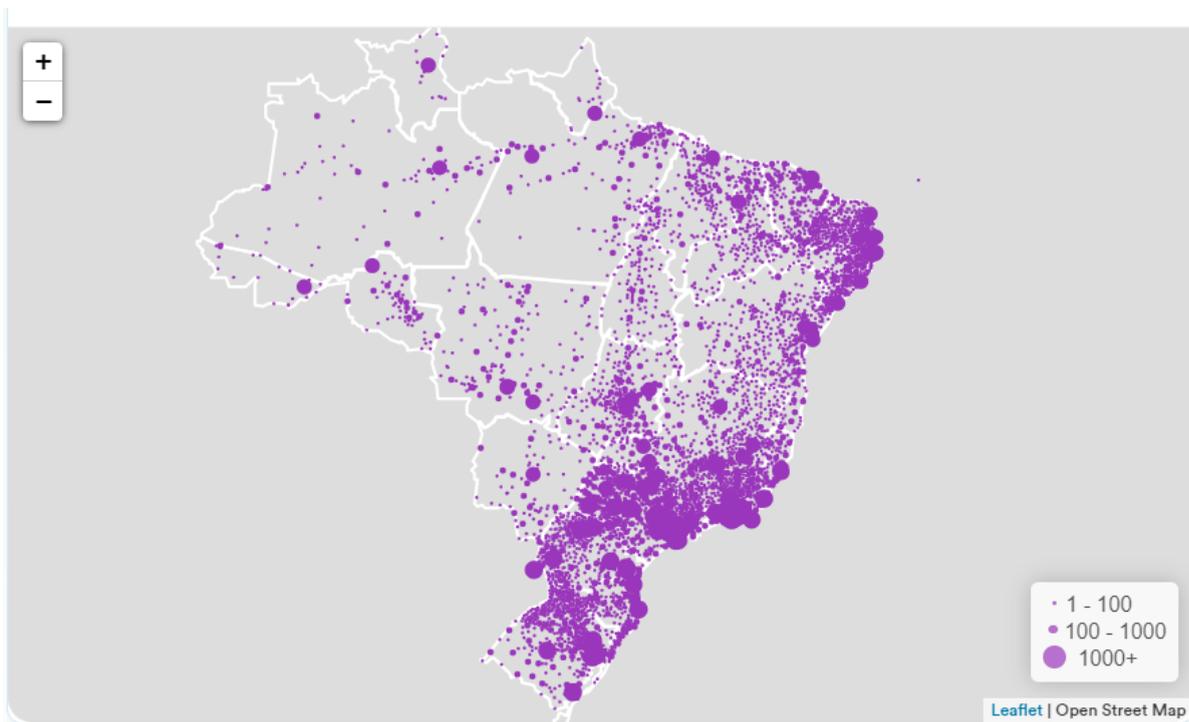
2. A PANDEMIA DA COVID-19

No Brasil, os dados apresentados pelo Boletim da Fiocruz³ (2022), mostram que 83% da população do país estava vacinada com a primeira dose; 76,8% apresenta esquema vacinal completo e 40,4% estava com a dose de reforço, a terceira dose, em dia. A análise é referente às semanas epidemiológicas 15 e 16, período de 10 a 23 de abril de 2022. Quando se observa a vacinação por regiões ou estados, as desigualdades se aprofundam. O Boletim mostra, por exemplo, que São Paulo destaca-se em relação ao tamanho da população e percentuais de pessoas vacinadas. O estado conta com 89,8% da população vacinada com a primeira dose; 85,2% com a segunda e 50,6% com a terceira. Em outro extremo, há estados como Amapá e Roraima, com menos de 65% para a primeira, 50% para a segunda e 12% para a terceira dose.

Em 5 de maio de 2023, a OMS anunciou o fim da pandemia de coronavírus, que deixou, pelo menos, sete milhões de pessoas como vítimas fatais em todo o mundo. Durante o período pandêmico, o Brasil registrou 37.671.420 casos confirmados e o número de óbitos chegou a 703.964 mil – dados reportados no dia 30/06/2023, no site Coronavírus Brasil (BRASIL, 2023), conforme ilustrado na Figura 1, abaixo:

³ <https://portal.fiocruz.br/noticia/boletim-covid-19>

Figura 1: Óbitos da Covid-19 por município de notificação



Fonte: Site Coronavirus Brasil/ Ministério da Saúde (2023)

2.1. Em Pernambuco

Do total de 97 mortes decorrentes do coronavírus no mês de janeiro de 2022, 77 (79,4%) foram de pessoas que não estavam com o esquema vacinal completo, com a dose de reforço. Desse total, 26 pacientes (26,8%) sequer tinham registro de vacinação, 11 (11,4%) só tomaram uma dose dos imunizantes e 40 (41,2%) não tinham tomado a dose de reforço.

Os estudos científicos foram evoluindo e mostrando a necessidade do esquema vacinal com duas doses (ou dose única) mais uma dose de reforço para população adulta. Alguns meses após as duas primeiras doses, há uma queda de nível dos anticorpos e, assim, a proteção fica prejudicada, explica o secretário de Saúde de Pernambuco, André Longo (SES-PE, 2022)

André Longo acrescenta que, nesse contexto, a terceira dose veio para proporcionar o aumento da quantidade de anticorpos no organismo, aumentando a proteção. A terceira dose vem reforçar ainda mais esta proteção contra o vírus, assim sendo é necessário não deixar de tomá-la. Infelizmente o universo dos que não estão completamente vacinados, no Estado, é imenso. Em 2022, quase meio milhão de pessoas só haviam tomado a primeira dose do imunizante. Em números correspondentes a 497.745 residentes em Pernambuco que estavam com a segunda dose em atraso (fevereiro, 2022), mesmo após o governo estadual ter lançado o programa Vacina Mais Pernambuco, que ofertava a vacinação contra

a covid-19 de porta em porta, principalmente em áreas de difícil acesso. A iniciativa, da Secretaria Estadual de Saúde (SES) e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS⁴), busca encontrar grandes modificações para ampliar a proteção contra a doença no Estado.

Em abril de 2022 o país voltou a registrar um aumento de diagnósticos positivos de SARS-CoV-2, maior número de internações (inclusive em UTIs) e de mortes. A média móvel de casos quase triplicou em 20 dias: saltou de 14.585 casos novos em 23 de maio para 43.131 em 13 de junho de 2022, comprovando que a pandemia não chegará ao fim.

Pernambuco prorrogou o estado de emergência em saúde pública por causa da pandemia da Covid-19, em decreto publicado no Diário Oficial em 31/03/2023, que se estendeu até 30 de junho de 2023. A baixa imunização e a variação do número de casos da doença são as justificativas alegadas pelo governo para ter mantido o estado de emergência.

De acordo com informações fornecidas pela coordenação do Programa Estadual de Imunização, até o último dia 27/06/23, cerca de 121 mil pernambucanos tinham recebido a dose da vacina bivalente da Pfizer, representando um pouco mais de 15%. Já a dose de reforço, para o público em geral, foi aplicada em aproximadamente quatro milhões de pessoas no estado, o que ainda não representa nem 50% da população. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 31/03/2023). Até o dia 24/06/2023 foram notificados 1.185.892 casos no estado, com 22.930 óbitos⁵.

3. DO ENSINO PRESENCIAL AO ENSINO REMOTO E DO ENSINO REMOTO AO PRESENCIAL: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO NO IFPE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

O semestre letivo 2020.1 sofreu uma parada nas atividades presenciais (14/03/2020) no IFPE, em decorrência do anúncio do isolamento social obrigatório. A comunidade acadêmica esperou que o IFPE determinasse o retorno às aulas no formato remoto, regime que já estava sendo seguido pelas redes municipais, estaduais e privadas de ensino do país. Várias mudanças foram necessárias para que isto fosse possível, medidas foram tomadas, metodologias alteradas, novas formas de interação inseridas, tudo isto para que não houvesse tantas perdas para o(a)s estudantes do IFPE.

A seguir, apresentamos os documentos orientadores que balizaram a organização do trabalho remoto (corpo administrativo e docente) e ensino remoto no IFPE durante o período pandêmico:

Guia com diretrizes para o trabalho remoto	Formulado pela Pró-Reitoria de Ensino que busca auxiliar o docente do IFPE no trabalho remoto.
--	--

⁴ https://docs.google.com/document/d/143vgT7-5gahRqeSt58v3tzWasCmkjgLb02x_lmaH1tc/edi

⁵ <https://infoms.saude.gov.br/>

Portaria nº 402, de 2 de abril de 2020	Orienta os/as docentes do Instituto Federal de Pernambuco quanto à realização e ao registro das atividades remotas durante o período de suspensão do Calendário Acadêmico, em decorrência da pandemia de coronavírus (COVID-19)
Portaria nº 449, de 15 de abril de 2020	Estabelece orientações à Reitoria, aos campi e à Diretoria de Educação a Distância (DEaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco quanto às atividades de estágio, em decorrência do coronavírus (COVID-19).
Portaria nº 774, de 4 de agosto de 2020	Estabelece diretrizes para organização do calendário acadêmico do IFPE.
Portaria nº 843, de 19 de agosto de 2020	Estabelece as diretrizes para colação de grau e expedição e registro de diplomas dos cursos de graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) em virtude da situação excepcional e das medidas de enfrentamento da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).
Portaria nº 864, de 25 de agosto de 2020	Estabelece orientações a servidores e dirigentes dos campi do IFPE quanto à proteção dos direitos autorais e de imagem de agentes públicos e estudantes por ocasião das atividades de ensino remoto
Portaria nº 1.090, de 15 de outubro de 2020	Altera a Portaria GR/IFPE nº 449, de 15 de abril de 2020.
Orientação Normativa nº 03/2020	Estabelece diretrizes complementares a respeito dos procedimentos acadêmicos para retomada e continuação do semestre 2020.1 após suspensão das aulas em virtude da situação excepcional e das medidas de enfrentamento da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)
Orientação Normativa nº 04/2020	Estabelece diretrizes complementares a respeito das atividades práticas para retomada e continuação do semestre 2020.1 após suspensão das aulas em virtude de situação de período de excepcionalidade.
Orientação Normativa nº 05/2020	Estabelece diretrizes complementares a respeito da normatização das atividades do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC para retomada e continuação do semestre 2020.1 após suspensão das aulas em virtude de situação de período de excepcionalidade.
Instrução Normativa nº 01/2021-GR	Regulamenta a oferta do ensino híbrido no IFPE

Fonte: Autoria Professora Bernardina Araújo com base em informações disponíveis em [://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/ensino/documentos-norteadores/documentos-de-ambito-do-trabalho-remoto](http://www.ifpe.edu.br/o-ifpe/ensino/documentos-norteadores/documentos-de-ambito-do-trabalho-remoto), consultado em 09.set.2022.

Para que o retorno às aulas fosse possível, o IFPE⁶ divulgou um conjunto de protocolos necessários ao retorno das atividades presenciais. Foram 21 protocolos concluídos (Tabela 1) que orientaram a preparação dos locais de trabalho ao retorno presencial.

Tabela 1: Protocolo de ações para retorno às atividades presenciais

01 PROCEDIMENTOS DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	02 CONFEÇÃO, USO E HIGIENIZAÇÃO DE MÁSCARAS DE TECIDO	03 ORIENTAÇÕES PARA TRABALHO EM <i>HOME OFFICE</i>
04 PREPARAÇÃO DE SOLUÇÕES SANITIZANTES PARA DESINFECÇÃO DE AMBIENTES	05 RESIDÊNCIAS DE SERVIDORES, ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS	06 RISCOS DE ACIDENTES NO USO DE ÁLCOOL EM GEL E ÁLCOOL LÍQUIDO 70%
07 PESSOAS COM SUSPEITAS DE SINTOMAS DA COVID-19	08 ORIENTAÇÕES PARA COLOCAÇÃO E RETIRADA DE EPIs	09 SANITIZAÇÃO DE AMBIENTES DO IFPE COM SUSPEITA DE CONTAMINAÇÃO
10 DIRETRIZES PARA A PREPARAÇÃO DOS LOCAIS DE TRABALHO	11 RECOMENDAÇÕES PARA O RETORNO DAS BIBLIOTECAS DO IFPE	12 DESCARTE DE MÁSCARAS USADAS
13 GUIA ALIMENTAR PARA O PERÍODO DE PANDEMIA	14 SAÚDE MENTAL	15 DIRETRIZES PARA OS REFEITÓRIOS
16 DIRETRIZES PARA ALOJAMENTOS E SEMI-ALOJAMENTOS	17 DIRETRIZES PARA OBRAS	18 VISITAS TÉCNICAS, ATIVIDADES EXTERNAS E ESTÁGIOS PARA ESTUDANTES E SERVIDORES
19 FROTA OFICIAL E TRANSPORTE ESCOLAR	20 ENTRADA NO CAMPUS	21 COMPORTAMENTO E POSICIONAMENTO DE ALUNOS FORA DE SALA DE AULA

O retorno às aulas presenciais no IFPE, no início de 2022, deu-se ainda dentro do parâmetro de oscilação da COVID-19, sendo necessárias algumas precauções e restrições para que as aulas presenciais pudessem acontecer, tais como, o uso de máscara, álcool 70%, distanciamento de bancas, além de todas as demais precauções necessárias, de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde e da Comissão do IFPE. O retorno às aulas presenciais (02/02/2023) estimulou os estudantes.

3.1. Aulas de música presenciais *versus* remotas

⁶ https://docs.google.com/document/d/143vgT7-5gahRqeSt58v3tzWasCmkjgLb02x_lmaH1tc/edit#

Muitas rupturas foram experienciadas coletivamente durante a pandemia, e nos sistemas de ensino, em suas diversas modalidades. Uma ruptura significativa diz respeito à mudança do espaço físico para o espaço virtual das salas de aula. As aulas de música foram fortemente impactadas pela mudança de espaço, pois é fundamental a utilização do instrumento quer seja em aulas individuais, quer seja em práticas de conjunto. A seguir, apresentamos uma breve caracterização do espaço físico e do espaço virtual da sala de aula de instrumento (Quadro 1) comparando-os entre ensino presencial e remoto:

Quadro 1: Comparação entre o espaço físico (aula presencial) e o virtual (aula remota)

Espaço físico	Espaço virtual
 <p data-bbox="236 1061 427 1095">Fonte: Google</p>	 <p data-bbox="842 1055 1038 1088">Fonte : Própria</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Mediação dos professores na aprendizagem do instrumento; ● Identificação imediata das dificuldades, limitações, possibilidades, necessidades e especificidades de cada aluno(a); ● Intervenção imediata na prática do instrumento; ● Interação e convivência entre docentes e discentes, importantes para o desenvolvimento das relações de ensino e aprendizagem individual e coletiva; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Pouca ou quase nenhuma interação com os estudantes, que ficam calados; ● Câmeras fechadas; ● Aulas ganharam características de palestras; ● Tempo de aula reduzido; ● Delay no som produzido; ● Falta de possibilidade de correção e orientação imediatas no processo de ensino-aprendizagem do instrumento pelas dificuldades tecnológicas;

Fonte: Própria

As aulas presenciais têm características distintas, sendo muito mais fácil a compreensão pelo aluno, a interação entre professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, a fluidez com que tudo acontece. O aluno tem uma facilidade de entendimento maior do que no ensino remoto. Não só a parte pedagógica, mas também a prática instrumental, onde a elucidação de dúvidas é maior no presencial. Esta interação é necessária e muito melhor neste formato.

No ensino remoto isto muda completamente, perde-se um pouco esta interação, pois a distância física, dificulta o desenvolvimento prático instrumental, assim como o pedagógico. Hodges e colaboradores (2020) entendem o ensino remoto emergencial (ERE) como uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo, devido às circunstâncias de crise. Para que, desta forma, o estudante desse continuidade a seus estudos, mesmo que de maneira totalmente diferente do que estava

acostumado e mesmo que os resultados não tenham sido aqueles alcançados no ensino presencial.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA E APRENDIZAGEM

Nosso estudo apoia-se nos fundamentos teóricos e metodológicos da Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2012; 2014), cujo cerne é o processo de construção de significados dos sujeitos sobre as mais diversas experiências cotidianas. Seu foco é a dinâmica da criação de signos (significados) no fluxo de regulação da experiência em andamento. “Essa experiência, no entanto, ocorre em um campo holístico - geralmente chamado de “meio ambiente” - que se torna significativo pelas ações humanas. (VALSINER, 2014, p. 178).

Na Psicologia Cultural Semiótica, a cultura e o ser humano são reconhecidos como fenômenos separados, mas mantendo uma interdependência obrigatória entre eles, estabelecendo uma relação chamada de *separação inclusiva* (VALSINER, 1997), que resgata a singularidade do sujeito e o seu lugar no mundo, em um processo incontestável de imersão na cultura e nas relações sociais (COSTA; LYRA, 2002).

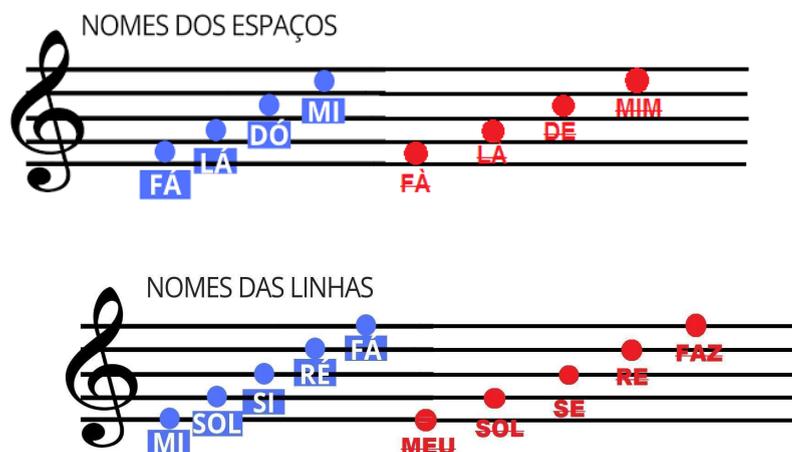
A aprendizagem para psicologia cultural pode ser compreendida como construção de significados. Segundo Zittoun e Brinkmann (2012,p.1809), a construção de significados é o processo pelo qual as pessoas interpretam situações, eventos, objetos ou discursos, à luz de seus conhecimentos e experiências prévias”. Para esses autores, a aprendizagem como construção de significados enfatiza o engajamento das pessoas nesse processo, em qualquer situação de aprendizagem.

Para a perspectiva histórico-cultural – assim como para outras correntes educacionais, filosóficas e psicológicas - a aprendizagem ocorre quando o sujeito estabelece uma relação significativa com o objeto de aprendizagem, isto é, ocorre a construção de significado pelo aprendiz. Nessa dinâmica, a proposta de Zittoun e Brinkmann (2012) é distinguir três níveis de significados que são relevantes em relação à aprendizagem. O *nível semântico* do significado diz respeito

ao significado da linguagem, dos signos e dos símbolos. Adquirir uma compreensão do mundo envolve estabelecer relações conceituais com o mundo, e este é um processo de construção de significado que ocorre predominantemente em situações sociais. [...] Em um nível semântico, aprender como construção de significado envolve ser socializado em sistemas discursivos culturais de significado (p.1.810)

Segundo Dewey (1916), Vygotsky (1986) e posteriormente Zittoun e Brinkmann (2012)desenvolveram essa ideia de socialização através de um sistema de significados discursivo e cultural. Podemos exemplificar o nível semântico pensando como uma criança aprende uma determinada palavra: chupeta, carrinho. O som da palavra e o objeto são apresentados, em uma situação social conjunta, por um adulto. Logo, essa situação social

fará com que a criança experiencie o nível semântico do significado de chupeta e carrinho. Ela aprenderá a palavra. No contexto musical, podemos exemplificar o nível semântico a partir do ensino dos nomes das notas musicais. Nesse processo, é comum os professores tentarem simplificar, de alguma forma, para que o estudante aprenda mais rapidamente as notas musicais na pauta ou pentagrama:



O *nível pragmático* do significado diz respeito às práticas sociais e exigem que as pessoas, para realizá-las, saibam (aprendam) participar adequadamente de cada uma delas, que, por seu turno, são reconstruídas ao longo do tempo. Pensemos em uma aluna adolescente na escola. Nesse contexto, a pessoa (no papel de aluna) sabe o que pode e o que não pode ser realizado naquele espaço social. Ela aprendeu como experienciar a escola e seus rituais. Zittoun e Brinkmann (2012), apoiados em estudos antropológicos, destacam que a aprendizagem no nível pragmático demanda a aquisição de uma identidade em uma determinada comunidade de prática:

[...] Os recém-chegados a uma prática começarão em uma posição periférica na comunidade de prática, mas se virem uma trajetória significativa à sua frente e se sua atividade for reconhecida por outros, muitas vezes serão capazes de trabalhar duro para alcançar uma posição central. A ideia básica é que o significado motiva e que existe um processo de construção de significado e identidade em qualquer forma complexa de aprendizagem (p.1810).

O *nível existencial* de construção de significados na aprendizagem remete-nos à ideia de trajetória de vida. Nela, a aprendizagem é muitas vezes, desencadeada por situações de ruptura ou incerteza, pode questionar ou remodelar toda a sua perspectiva sobre suas possibilidades passadas e futuras - ou seja, um significado de vida” ZILTON; BRICKMANN, 2012, p.1810). Vimos como a humanidade tem sido afetada pela Pandemia do Covid-19. São trajetórias de vida que foram interrompidas nas situações mais cotidianas. Estudantes do mundo inteiro pararam de estudar em suas instituições educativas (em todas as modalidades). E como solução para um longo período de quarentena imposta pelo coronavírus, uma nova comunidade de prática surge: o ensino remoto.

Utilizando os níveis de significados propostos por Zittoun e Brinkmann, analisamos estudantes da licenciatura em música, especificamente, no que concerne à aprendizagem do instrumento durante a transição para o ensino remoto e durante o retorno ao ensino presencial.

4.1. Ruptura e transição

Os seres humanos não vivenciam apenas continuidades e regularidades em suas trajetórias de vida, mas vivenciam também episódios nos quais essas regularidades são descontinuadas (ZITTOUN, 2006; 2009; 2012). Essas disrupções que comumente ocorrem na vida das pessoas podem ser nominadas como *rupturas*, que constituem pontos de virada em uma trajetória de vida, provocados por fatores internos (ex.: decisão de mudar de curso superior) ou externos (ex.: a perda de um ente querido etc.). Rupturas experienciadas exigem mudanças substanciais, profundas e processos de ajustamento entre a pessoa e o seu ambiente, processo denominado por Tânia Zittoun (2009; 2012) como *transição*.

Transições (ZITTOUN, 2009, p.410) podem ser definidas “como os processos de mudança catalisada pela ruptura, visando um novo ajuste sustentável entre a pessoa e seu ambiente atual” [tradução nossa]. Ao se deparar com uma ruptura, a pessoa experimenta instabilidade em sua trajetória e precisa lidar com a dinâmica de adaptação ou ajustamento para atingir um novo modo de seguir no seu curso da vida. Há dois tipos de transição, segundo Zittoun (2012): a *transição normativa*, que já é prevista ou esperada na trajetória de vida da pessoa. Por exemplo, quando uma criança fala ou anda pela primeira; quando uma pessoa conclui a educação básica e vai para o ensino superior. Esses são processos de mudança já esperados na vida da maioria dos indivíduos. A *transição não-normativa* desdobra-se a partir de processos de ruptura que pode ser motivada por acontecimentos externos (ser demitido(a) do emprego; perder um ente querido) ou diálogos internos (após um tempo de reflexão, a pessoa opta por largar o emprego e mudar de profissão; ou mudar de instrumento musical).

5. DESIGN METODOLÓGICO

Esta pesquisa consistiu em um estudo empírico qualitativo de caráter exploratório e descritivo e de cunho idiográfico (VALSINER, 2012)

É importante pontuar que a primeira parte da construção de dados desta pesquisa (questionário *online*) se deu durante a vivência de uma disciplina optativa de Introdução à Psicologia Cultural, ofertada pela Prof^a Tatiana Valério, durante a pandemia, cujo instrumento foi incorporado aos dados da presente pesquisa. Posteriormente, a professora tornou-se orientadora do primeiro autor deste artigo, que propôs seguir investigando o fenômeno da aprendizagem de instrumento durante a pandemia. Assim, decidiu-se estudar

longitudinalmente tal fenômeno, que possibilitou uma análise holística da dinâmica do funcionamento da pessoa ao longo do tempo, pois é um método capaz de identificar e compreender a variabilidade interna das trajetórias pessoais (MATTOS, 2013).

Assim, durante a realização desta pesquisa, procedeu-se com a aplicação de um segundo questionário *online*, através do Google Formulário, com os mesmos participantes do primeiro. Dessa forma, os questionários foram aplicados em dois momentos distintos durante a pandemia: o primeiro durante o ensino remoto e o segundo na volta ao ensino presencial. Foram entrevistados cinco estudantes da Licenciatura em Música do IFPE - Campus Belo Jardim, identificados como E1, E2, E3, E4 e E5, sendo 4 estudantes do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Todos os cuidados éticos foram tomados na realização desse estudo, segundo aquilo preconizado na Resolução nº510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

A seguir, apresentamos, em forma de quadros, os dados construídos com o primeiro questionário *online* aplicado durante a pandemia, ou seja, na vivência do ensino remoto. As perguntas versaram sobre sentimentos, adaptação ao ensino remoto no que se refere a horário de aulas, facilidades e dificuldades enfrentadas, comparação entre o ensino presencial e o remoto, processo de aprendizagem do instrumento em aulas remotas.

Quadro 2: Identificação dos participantes:

Participante:	IDADE	INSTRUMENTO	PERÍODO	CIDADE	DISTÂNCIA
E1	26	TROMBONE	1º	UMBUZEIRO	155,7 km
E2	27	TROMPETE	7º	PESQUEIRA	33,2 km
E3	39	VIOLÃO	1º	BELO JARDIM	0 Km
E4	29	PERCUSSÃO	1º	GARANHUNS	81,0 km
E5	21	SAXOFONE	5º	PARANATAMA	100,7 km

Fonte: Própria

Quadro 3: Sentimentos experienciados em aulas presenciais antes da pandemia, durante o ensino remoto na pandemia e após o retorno ao ensino presencial.

	Aulas presenciais	Aulas remotas	Retorno ao presencial
--	-------------------	---------------	-----------------------

	E1	E2	E3	E4	E5	E1	E2	E3	E4	E5	E1	E2	E3	E4	E5
Felicidade	x	x		x							x	x	x	x	
Tranquilidade	x	x									x	x			
Gratidão	x	x									x	x	x		
Alegria	x										x	x	x		
Amor	x											x			
Esperança	x		x						x		x	x	x		
Entusiasmo	x	x										x	x	x	
Medo						x	x	x		x					
Frustração					x	x				x					
Raiva															
Aversão						x									
Vulnerabilidade						x									
Estresse						x									x

Fonte: Própria

A partir da análise do quadro acima, percebe-se que nas aulas presenciais (antes da pandemia), a maioria dos participantes (80%) experienciava sentimentos positivos. Grande mudança pode ser observada com o cenário das aulas remotas. Os participantes vivenciavam sentimentos negativos, retratando o medo (sentimento mais apontado) que assolava a sociedade. No retorno às aulas presenciais, percebe-se que os participantes, em sua maioria, retomam a experiência de ter bons sentimentos nas aulas.

Quadro 4: Sentimentos dos estudantes após 2 meses do início das aulas remotas

	E1	E2	E3	E4	E5
Felicidade	x				
Tranquilidade	x		x	x	
Gratidão	x				
Alegria					
Amor					
Esperança	x				
Entusiasmo		x			

Medo	x				
Frustração					
Raiva					
Aversão					
Vulnerabilidade					
Estresse					x

Fonte: Própria

Um tempo após iniciada as aulas remotas, os estudantes demonstram uma certa positividade e no quadro 6, 60% detêm positividade, enquanto que 40% detêm negatividade. A seguir, apresentamos dados concernentes a diversos aspectos relacionados à vivência do ensino remoto

Quadro 5: Equipamentos utilizados no cenário nas aulas remotas pelos participantes

	COMPUTADOR OU NOTEBOOK	TABLET OU SMARTPHONE
E1		x
E2		x
E3	x	
E4	x	
E5		x

Fonte: Própria

O quadro 5 demonstra que os estudantes tinham formas diferentes de acesso às aulas remotas, 60% usavam tablets ou smartphones enquanto que 40 % usavam computador ou notebook.

Quadro 6: Maiores facilidades e dificuldades encontradas no ensino remoto

	MAIORES DIFICULDADES	MAIORES FACILIDADES
E1	Conexão ruim, aparelhos que não auxiliam muito, atividades extensas, impossibilidade de assistir algumas aulas remotamente	A única facilidade é poder fazer as atividades em qualquer horário disponível.
E2	Não poder ouvir com nitidez detalhes importantes do som do instrumento e falhas na conexão da internet	A flexibilização do professor diante das atividades sugeridas, o fato de poder realizar essas atividades em casa e a disponibilidade do professor para atendimento em grupo ou individual.

E3	O IFPE demorou muito a iniciá-las e, quando iniciou deu a entender, que queria resolver o grande tempo perdido pelos superiores da instituição na demora de iniciar as aulas, no tempo mínimo, sobrando assim para nós alunos ter que fazer atividade às pressas	Em casa é melhor de estudar
E4	A distância, dúvidas que ficam e que só podem ser retiradas pessoalmente	Não parar de estudar, e continuar correndo atrás dos objetivos
E5	Conciliação com o tempo disponível para realizar todas as atividades e não ter um local adequado para estudar.	A possibilidade de trabalhar nos outros horários

Fonte: Própria

Quadro 7: Significados sobre as aulas síncronas e assíncronas

	AULAS SÍNCRONAS	AULAS ASSÍNCRONAS
E1	Às vezes me sinto meio desconfortável por passar muito tempo na aula, mas na maioria das aulas me sinto bem e me sinto acolhido.	Algumas vezes cansado pela quantidade de atividades, mas grato por conseguir fazer tudo e ter consciência que vou conseguir concluir bem o curso
E2	É importante tirar dúvidas e aprender outros fundamentos da técnica do instrumento.	Tranquilo, porém gera um pouco de comodismo, pois a gente se cobra mais quando se está realizando a atividade de forma presencial
E3	Ansioso para aprender mais, tranquilo e atento, para aproveitar o máximo desses bons profissionais que são os professores do IFPE	Me sinto bem atento, para não errar e curioso com as atividades
E4	Bem tranquilo, apenas com algumas dificuldades	Bem confortável, porém as dúvidas surgem
E5	Tranquila	Confusa

Fonte: Própria

No IFPE, as aulas remotas dividiram-se em aulas síncronas (ocorriam ao vivo através do Google Meet, eram gravadas e posteriormente publicadas nas salas de aulas virtuais - Google Classroom) e aulas assíncronas (os docentes postavam na sala de aula virtual aulas gravadas por eles mesmos, videoaulas, material de consultas, atividades diversas etc.). Para a realização das aulas síncronas, na Licenciatura em música, foi necessário haver uma grande mudança para atender a nova realidade dos estudantes, que tendo seu trabalho com a música suspenso, recorriam a outros trabalhos para conseguir prover, minimamente, suas despesas fixas mensais, não tendo mais disponibilidade de assistir aulas durante o dia. As aulas passaram, então, a ser ofertadas no período noturno e aos sábados.

Quadro 8: Significados dos estudantes sobre a mudança de horário de aulas.

Para os E4 e E5: a mudança de horário facilitou a vida, pois arrumaram emprego.
O E2: declara que a mudança de horário dificultou sua vida, pois choca com seus horários de trabalho.
Para o E3: a mudança de horário não interferiu na sua rotina de estudos e/ou trabalho, mas foi necessário trancar uma (s) disciplina (s) em virtude dessa alteração no horário.
O E1: declara que sua rotina teve que mudar um pouco para tentar participar das aulas síncronas, mas mesmo assim não conseguia participar algumas vezes.

Fonte: Própria

Na Licenciatura em música, que também habilita o estudante em um instrumento musical, ocorrem aulas individuais de instrumento. Vivenciar essa experiência no formato remoto foi algo desafiador, tanto para o(a) estudante, quanto para o(a) docente.

Quadro 9: Durantes as aulas de instrumento, no ensino remoto eles afirmaram que:

a- É fácil agendar as aulas nos horários mais convenientes para os estudantes.	E4, E5
b- É necessário realizar gravações dos estudos do nosso instrumento, para fins de acompanhamento e avaliação contínua pelo professor.	E1, E2, E3, E4
c- É difícil tirar dúvidas com o(a) professor(a).	E2
d- A latência (atraso de áudio) atrapalha minha resposta para o professor.	E1, E4, E5
e- Dificultadores externos (barulho do ambiente, conexão perdida, etc) atrapalham muito a aula.	E1, E4, E5
f- Problemas de conexão atrapalham a aula	E1, E2, E4, E5

Fonte: Própria

Quadro 10: Significados dos estudantes sobre a diferença entre aulas remotas e presenciais

E1	Confusão, nervosismo e estresse
E2	As aulas remotas são boas, mas as aulas presenciais são melhores
E3	Pra mim tanto faz, pois tive pouca aula presencial
E4	Nas aulas presenciais é tudo mais fácil, as dúvidas são tiradas de uma forma melhor que na remota.
E5	Um pouco estranho, mas adaptável

Fonte: Própria

Considerando a particularidade de cada instrumento, o(a)s estudantes avaliaram seu processo de evolução durante as aulas remotas (Quadro 11) e apontaram as maiores facilidades e dificuldades (Quadro 12) no processo de aprendizagem.

Quadro 11: Autoavaliação dos discentes sobre seu processo de evolução no instrumento.

E1	Constata que conseguiu alguma evolução, mas acredita que não tão considerável. acredita que presencialmente teria evoluído bem mais
E2	sentiu que seu rendimento baixou um pouco durante as aulas remota
E3	relata que com a ajuda do professor, conseguiu evoluir
E4	declara “ Muito bom!” Pois usou a quarentena para estud
E5	se considera atrasado

Fonte: Própria

Quadro 12: Maior facilidade e maior dificuldade experienciada no processo de aprendizado no instrumento, durante as aulas remotas

	FACILIDADE	DIFICULDADE
E1	Não há facilidade	A falta de contato presencial com o professor dificulta muito, pois pela Internet nunca se tem um feedback fiel àquilo que é apresentado
E2	Poder estudar em casa sempre que possível	Não ter como referência o som do professor
E3	Todas, pois o professor é bem paciente com os alunos.	Nenhuma, a dificuldade encontramos mas, como estamos aqui para aprender vamos solucionando com estudos. Se conseguirmos tirar nota 10, na instrução do professor, bom . Se a nota for 9,8,7,6,5, bom. Se for 4,3,2,1, ou 0, bom não é. Mas, o máximo que pode nos acontecer é repetir o período e vamos ter outra oportunidade de aprender
E4	Estou com mais tempo de estudar	As dúvidas e o tempo curto
E5	O acesso a mídias	A falta de um lugar adequado para estudar e ter precisado devolver o instrumento que era emprestado de uma banda que toco

Fonte: Própria

Com o retorno às aulas presenciais, após 2 anos, seguimos com o estudo longitudinal. Aplicamos o segundo questionário *online* (Google Formulário) com os mesmos 5 estudantes que responderam ao primeiro questionário. As perguntas versaram sobre as mesmas questões formuladas anteriormente sobre o ensino remoto, sendo, contudo, o retorno às aulas presenciais o contexto investigado.

A seguir, apresentamos os quadros, com os dados construídos com o segundo questionário online.

Quadro 13: Sentimentos experienciados em aulas presenciais, antes da pandemia, e ao saber da suspensão das aulas presenciais.

	aulas presenciais	suspensão das aulas presenciais
--	-------------------	---------------------------------

	E1	E2	E3	E4	E5	E1	E2	E3	E4	E5
Felicidade	x	x	x	x						
Tranquilidade	x	x	x							
Gratidão	x	x	x							
Alegria	x	x	x							
Amor		x								
Esperança	x	x	x							
Entusiasmo	x	x			x					
Medo						x	x	x	x	x
Frustração						x	x			x
Raiva										
Aversão							x			
Vulnerabilidade							x	x		
Estresse						x				

Fonte : Própria

O Quadro acima mostra em detalhes como todos os participantes expressaram sentimentos positivos (80%) durante o presencial e apenas 20% detêm sentimentos negativos, repetindo o resultado do primeiro questionário.

Ao saber da suspensão das aulas presenciais, estes sentimentos, em maioria positivos, mudaram totalmente, tornando-se 100% negativos.

Quadro 14: Facilidades e dificuldades encontradas no ensino remoto.

	MAIORES FACILIDADES	MAIORES DIFICULDADES
E1	Não existiu facilidade, pois o ensino remoto deixa muitas lacunas para o estudante.	Não ter contato direto com o professor; internet com falha na conexão; não conseguir tirar as dúvidas com clareza.
E2	As atividades eram reduzidas.	Entender que apesar da redução das atividades, ficariam lacunas no conteúdo da disciplina
E3	As aulas noturnas permitiam que alguns alunos pudessem trabalhar.	Na grande maioria das vezes havia excesso de atividades (que serviam para registrar a frequência), a conexão não favorecia o acesso/permanência nas aulas, a disciplina de instrumento não funcionou remotamente, o ambiente muitas vezes não favorecia.

E4	Estar em casa	Não ter habilidade com alguns sites da internet
E5	Maior disponibilidade de material acadêmico e facilidade na locomoção.	A falta de um ambiente apropriado para os estudos, conciliar horários, e os imprevistos com internet ou local de estudo para assistir às aulas ou estudar.

Fonte: Própria

Quadro 15: Significados dos estudantes sobre as aulas síncronas que vivenciaram por dois anos durante o ensino remoto

E1	Tranquilo pois estava estudando de alguma forma, mas preocupado com o que estava por vir, pois só o ensino remoto não supria as necessidades acadêmicas
E2	Entediado
E3	Ansioso pelo retorno presencial. Muitas vezes me encontrava cansado pelo excesso de atividades, estressado por não conseguir acompanhar algumas aulas.
E4	Normal
E5	Estou cansada, desorganizada e desatenta.

Fonte: Própria

O Quadro 15 mostra que, após o período de dois anos de ensino remoto, os significados dos estudantes sobre as aulas síncronas revelam que a maioria não se sentia confortável com essa forma de ensino.

Quadro 16: Avaliação do horário das aulas síncronas vivenciadas no ensino remoto .

E1	Muito bom! Pois a maioria dos alunos precisou se sustentar de alguma forma.
E2	Os horários eram bastante flexíveis e tornava possível a participação de pelo menos quase todos os alunos
E3	Foi proveitoso para quem trabalhava durante o dia.
E4	Normal
E5	Bom.

Fonte; Própria

Quadro 17: Significados dos estudantes sobre as aulas assíncronas (momento em que os/as estudantes acessam matérias de estudo e respondem as atividades propostas, sem a presença do professor)

E1	Muito ruim, pois não tinha como tirar dúvidas e passava muitas coisas despercebidas
E2	Era interessante, pois alguns professores se colocavam à disposição para ajudar com as atividades
E3	Por muitas vezes me senti frustrado por perceber que não consegue construir o conhecimento da maneira que deveria ser feito.
E4	Bem

E5	Me sentia sempre sem tempo pela ausência de um local apropriado, casa sempre movimentada, família grande, muito barulho, etc.
----	---

Fonte própria

No quadro 17 vemos o quanto era difícil manter-se focado para com as atividades. Quando sozinho, perdia-se o foco, distanciando-os do objetivo, a resolução das atividades.

Quadro 18: Sobre as aulas de instrumento, no ensino remoto

	E1	E2	E3	E4	E5
É fácil agendar as aulas nos horários mais convenientes para os estudantes	x			x	x
É necessário realizar gravações dos estudos do nosso instrumento,	x			x	x
Acompanhamento e avaliação contínua pelo professor(a)	x			x	x
É difícil tirar dúvidas com o(a) professor(a)	x				
A latência (atraso de áudio) atrapalha minha resposta para o professor	x	x	x	x	x
Dificultadores externos (barulho do ambiente, conexão perdida, etc) atrapalham muito a aula	x		x	x	x
Problemas de conexão atrapalham a aula	x		x	x	x

Fonte: Própria

Quadro 19: Diferença entre aulas remotas e presenciais.

E1	O contato físico é muito importante, para o aluno/professor, a distância atrapalha muito.
E2	A diferença na minha opinião é que nas aulas remotas eu não conseguia prestar tanta atenção quanto nas aulas presenciais
E3	A principal diferença é o contato, e o feedback automático.
E4	A diferença é que as remotas não eram presenciais e as presenciais o próprio nome já diz
E5	Em geral, o ambiente.

Fonte: Própria

Quadro 20: Significados sobre a particularidade de cada instrumento no processo de evolução durante as aulas remotas e após o retorno às aulas presenciais

	AULAS REMOTAS	RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS
--	----------------------	-------------------------------------

E1	Foi muito bom, pois na pandemia tive muito tempo na minha residência e isso ajudou a cumprir um cronograma de estudo correto	Presencial o desempenho é mais rápido pois o professor está presente vendo o seu desempenho e corrigindo quando necessário.
E2	De início eu tentei, mas não consegui me adaptar	Não declarado
E3	Não consegui ter uma boa evolução durante toda a pandemia	Tive uma evolução considerável em muito pouco tempo
E4	Difícil informar	Não declarado
E5	Tive um enorme retrocesso durante as aulas remotas, chegando a trancar a disciplina de instrumento	No retorno tive e tenho tido uma grande dificuldade para acompanhar o ritmo das aulas novamente, levando em consideração o tempo que fiquei ociosa no instrumento

Fonte: Própria

O quadro 20 mostra uma análise pessoal, a partir dos significados construídos pelos participantes, sobre a evolução de cada um em seu instrumento, tanto durante as aulas remotas, quanto no retorno às aulas presenciais.

Quadro 21: Maior dificuldade e maior facilidade sentida quanto ao processo de aprendizado no instrumento no período remoto.

	MAIORES DIFICULDADES	MAIORES FACILIDADES
E1	A distância	Tempo para estudo.
E2	Fazer gravações de boa qualidade	Posso afirmar que a forma como era aplicado os conteúdos foram mais detalhadas
E3	Não declarado	Não existiu facilidade
E4	Ver o braço do violão do professor quando ele estava explicando	Entender o início das explicações das escalas pentatônicas e também como se achar a sétima maior menor diminuta entre outra
E5	Foi a falta de motivação por não ter um local de estudo apropriado, silencioso.	A de ter uma plataforma na nuvem onde posso acessar a qualquer hora o material de estudo e a flexibilidade de horários

Fonte: Própria

Com o retorno às aulas presenciais, após 2 anos, estudantes e professores puderam então voltar a conviver e interagir (retorno à comunidade de prática).

Quadro 22: Maiores facilidades e dificuldades experienciadas no ensino presencial

	MAIORES DIFICULDADES	MAIORES FACILIDADES
E1	Não teve muitas dificuldades, apenas muitas demandas dos professores	O contato com o professor!
E2	Sobrecarga de atividades	A interação com os colegas, debates em sala de aula.
E3	Retomada da antiga rotina	O gerenciamento melhor do tempo
E4	Locomoção, pois apesar de ter o ônibus os horários não bate muito com os das aulas e, ponto onde o mesmo passa muito distante de casa	Sendo sincero não tem muitas facilidades, mas uma das poucas é o contato com os professores.

	MAIORES DIFICULDADES	MAIORES FACILIDADES
E5	A dificuldade de transporte para o campus Belo Jardim para as cidades circunvizinhas do estado.	O local de estudo, o horário voltado apenas para isso, compartilhamento de dúvidas e comentários com demais colegas e professores. No instrumento, a possibilidade de tocar sem atrasos, facilitando a correção de técnicas

Fonte: Própria

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando entender quais sentimentos eram expressados pelos estudantes nas aulas presenciais e durante o ensino remoto, nosso estudo apontou que eles, em sua maioria, tinham boas sensações, no presencial, mas que isto mudou após o início das aulas remotas, levando-os a experienciar sentimentos negativos apenas. No início da pandemia, 100% deles sentiam-se perdidos, cheios de dúvidas e com medo. Ao saber da volta às aulas em 2020, mesmo que de forma remota, os estudantes passaram a demonstrar inquietação, e após dois meses deste novo modelo de ensino, observou-se que as emoções variavam.

Durante o período remoto foram usadas formas diferentes para o acesso às aulas, tais como, tablets, smartphones, computadores ou notebooks. Mesmo com tais recursos, um fator crucial que prejudicava o bom andamento das aulas era a conexão de baixa qualidade. A baixa velocidade interferia na clareza do som durante as aulas síncronas de música, causando delay (atraso), como nas disciplinas de prática de conjunto, instrumento complementar, prática coral, canto e percepção, o que, claramente, compromete o processo de ensino-aprendizagem no referido curso, principalmente nas aulas de instrumento.

Um dos participantes da pesquisa relatou que sua experiência pessoal de tentar responder de forma imediata e apressada as atividades propostas pelos docentes, atrapalhava seu rendimento, uma vez que não conseguia sanar suas dúvidas com o professor, como ele fazia durante o ensino presencial. Segundo ele, não ter um local apropriado para os estudos agravava ainda mais a situação.

Embora os sentimentos vivenciados durante as aulas remotas tenham sido massivamente negativos, os participantes apontaram algumas vantagens com o ensino remoto, tais como: poder fazer atividades no seu tempo, a flexibilidade dos professores diante das atividades, estudar em casa e poder trabalhar mesmo tendo que estudar.

Durante as aulas síncronas, os estudantes sentiam-se desconfortáveis, porém acolhidos, havia uma facilidade no processo de tirar dúvidas quanto ao aprendizado teórico e técnico, contrariando a experiência pessoal acima narrada. Mesmo com toda ansiedade, estresse e demais sensações sentidas, a vontade de aprender prevalecia, superando as dificuldades.

No momento das aulas assíncronas a quantidade elevada de atividades era um empecilho, mesmo assim os participantes sentiram gratidão por continuar estudando e

poder chegar ao final do curso. Sentimentos ambíguos foram também encontrados. Ao mesmo tempo que os participantes apontaram haver tranquilidade, curiosidade e conforto no processo remoto, identificamos sentimentos de confusão, dúvidas e comodismo.

No que concerne aos horários das aulas, mudanças foram feitas pela instituição e nesse processo de adaptação ao ensino remoto, os estudantes deram diferentes tipos de declarações que podem ser categorizadas em facilidades, tais como o agendamento das aulas individuais de instrumento. No que se refere às dificuldades, podemos destacar: alguns precisaram trancar algumas disciplinas; gravar os estudos para serem avaliados pelos professores; tirar dúvidas; o problema com a conexão; os barulhos externos que interferiam no aprendizado.

As aulas de instrumento no período pandêmico foram bem difíceis, já que para desenvolver as habilidades técnicas do instrumento, a presença do professor é essencial, e isto não era possível nas aulas online, pois durante o momento remoto havia delay (atraso), o som sofria mudanças, não era possível reconhecer as notas com clareza, além do tempo curto de aula. Tudo isso afetou o desenvolvimento pessoal e técnico-instrumental. Ter mais tempo livre e acesso às mídias das aulas não pareciam suficiente ao aprendizado, e ainda havia um agravante: a falta do instrumento para estudar remotamente.

Durante o período das aulas remota, os estudantes sentiam-se estressados, vulneráveis e cheios de dúvidas, demonstrando diferentes sensações. 80% dos estudantes detinham sensações negativas e somente 20% detinham sensações positivas, causados por vários motivadores diferentes, o maior deles era a conexão, que interferia diretamente no desenvolvimento das aulas, deixando muitas dúvidas. Mesmo estando em casa, com tempo livre, a falta de logística e de um ambiente apropriado para a participação adequada dos estudantes nas aulas remotas, configuravam-se como um agravante na resolução das atividades propostas.

Durante os dois anos de aulas remotas, existia uma incerteza do que estava por vir. Havia grande ansiedade pelo retorno ao presencial. Durante as aulas remotas, o tédio e o cansaço afloraram causando desorganização, falta de atenção e desinteresse, isto ocorria mesmo com a flexibilidade de horários para estudar.

No momento assíncrono (onde os estudantes estudavam sozinhos) a frustração por não construir conhecimento de maneira efetiva era um obstáculo para os estudantes, a necessidade de trabalhar para se sustentar diminuía o tempo de estudo, frustrando-os ainda mais e afastando-os de seu objetivo: aprender nas aulas remotas.

Durante o ensino remoto, mesmo podendo agendar as aulas de instrumento em horários confortáveis e acessar as mídias das aulas, ou até de tirar dúvidas, por conta da baixa velocidade de conexão, tornava-se difícil. A correção da técnica, o entendimento do que era proposto pelo professor, em termos de sonoridade e afinação, eram comprometidos.

Um outro agravante para o(a)s estudantes era a falta do instrumento para estudar, pois havia a necessidade de gravar material após as aulas síncronas e enviar para avaliação do docente, o que também era difícil por conta de barulhos externos e ambientes impróprio. Isso demonstra a grande diferença que há entre aulas remotas e presenciais para o ensino de música.

O retorno ao presencial trouxe emoção, aumentou a autoestima, melhorou o desempenho e desenvolvimento do aprendizado, a interação com os colegas, e trouxe entusiasmo ao processo de ensino-aprendizagem. O feedback do professor, que é de extrema importância para o desenvolvimento do estudante, tornou-se possível. As sensações eram as melhores, 80% dos estudantes detêm sentimentos positivos, enquanto que 20% detinham sentimentos negativos. Este percentual positivo demonstra a importância da interação entre pessoas, aluno-professor, professor-aluno e entre colegas.

6.1. Níveis de significado e o processo de aprendizagem no ensino remoto.

Com a presente pesquisa foi possível identificar os desafios, incertezas e inseguranças enfrentados por parte dos estudantes e professores na transição do ensino presencial para o remoto. Ambos sentiam-se perdidos, receosos em relação ao que estava por vir. Além do número de contágio e mortes pelo vírus ser alarmante, ocorria uma grande mudança na rotina das comunidades acadêmicas, pois surgiam novas formas de estudar, aprender e ensinar. Do ponto de vista da psicologia cultural, podemos denominar essa quebra na regularidade como uma ruptura não-normativa (ZITTOUN, 2006; 2012) na trajetória desenvolvimental das pessoas, ou seja, ocorreu uma ruptura não-esperada.

“Toda ruptura leva a um processo de reflexão de como fazer para enfrentar (ou não) tais fatores de quebra, que podem interferir nos sistemas psicológicos, biológicos ou sociais, levando o sujeito à resignificação dessas circunstâncias para que possa (ou não), de fato, transcender e evoluir diante de tais acontecimentos inusitados”.(SILVA, 2022, p.15).

Decorrente da ruptura, emerge o processo de transição, ou seja, quando o sujeito experiencia instabilidade em sua trajetória, vivencia, por conseguinte, um processo de ajustamento ou adaptação para chegar a um novo modo de seguir no curso da vida (ZITTOUN, 2012). Foi exatamente isso que nossa pesquisa procurou olhar: diante da grande ruptura que foi a pandemia por COVID-19 na vida acadêmica de estudantes da licenciatura em música, quais impactos puderam ser observados na transição do ensino presencial para o remoto e do remoto para o presencial.

Segundo a Psicologia Cultural Semiótica (VALSINER, 2012; 2014), os seres humanos experienciam o mundo construindo significados sobre cada experiência vivenciada. Nessa dinâmica, a construção de significados pode ser metodologicamente analisada a partir das externalizações dos sujeitos que podem ser entendidas como a criação e uso de signos semióticos (VYGOTSKY, 2007). Em nosso estudo, é possível afirmar que os significados construídos pelos estudantes da licenciatura em música sobre a transição do ensino presencial para o ensino remoto ocorreram entre tensões (percebidas através dos sentimentos experienciados) e processos de adaptação diversos (psicológico, econômico, de saúde, logístico etc.). Entendemos que tais processos (transições) envolvidos no contexto acadêmico em tempo pandêmico, podem ser entendidos como processos de aprendizagem. Por seu turno, a aprendizagem, segundo Zittoun e Brinkmann

(2012), pode ser entendida como construção de significados e pode ser investigada a partir de níveis de significação; nível semântico, nível pragmático e nível existencial.

Ilustramos, a seguir, os níveis de significação identificados na dinâmica da aprendizagem, identificados a partir dos dados, no Quadro 23, abaixo:

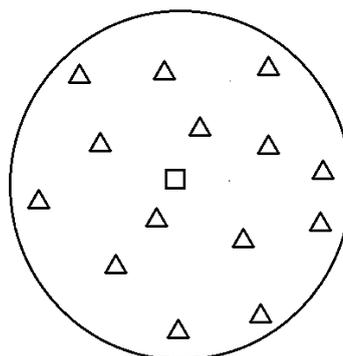
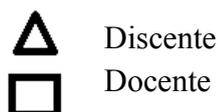
Quadro 23: Níveis de significação de estudantes da licenciatura em música no processo de aprendizagem do instrumento nas aulas remotas em contexto pandêmico

Níveis de significação (ZITTOUN; BRINCKMANN, 2012)	Significados (inferências a partir do estudo empírico)
Nível semântico	Palavras e conceitos foram aprendidos no processo de ruptura e transição (contexto pandêmico). Ex.: aula síncrona; aula assíncrona; Google classroom (sala de aula virtual); metodologias ativas etc.
Nível pragmático	Novas formas de interagir na sala de aula virtual, novas formas de aprender, novas formas de ensinar, nova ambientação da aula remota (sem as condições necessárias para realizar uma aula sem interrupções físicas ou virtuais) são alguns exemplos de como o nível pragmático se estabeleceu na transição para o ensino remoto. É esperado que as pessoas participem adequadamente de práticas sociais (ser estudante ou professor em uma instituição de ensino) em uma dada cultura.
Nível existencial.	As rupturas (Covid-19) experienciadas com todas as incertezas, medos, angústias (sentimentos identificados no estudo) na trajetória de desenvolvimento da pessoa deflagram processos de questionamento e reformulação do fazer acadêmico, seja pelos discentes, seja pelos docentes. Aqui falamos de um “significado-vida” ((ZITTOUN; BRINCKMANN, 2012, p. 1.811)

Fonte: Própria

Vivemos em constante aprendizado que é impulsionado a partir de rupturas que ocorrem por fatores internos ou externos (ZITTOUN, 2012). A pandemia pelo COVID-19, em nível pragmático, transformou a comunidade de prática (professores e estudantes) no contexto acadêmico. Até antes da pandemia, os estudantes, inicialmente, ocupavam uma posição periférica na comunidade de prática “instituição acadêmica” (ou escolar) e o professor estava no centro dessa configuração, dominando os saberes, metodologias e recursos didáticos. Aos poucos, os estudantes começavam a aprender e migravam para uma região mais central na comunidade. Esse era o formato inicial das aulas presenciais (Figura 2) antes da pandemia.

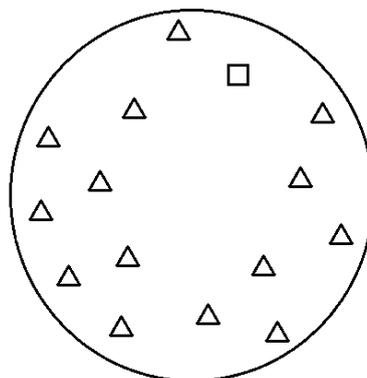
Figura 2: Comunidade de prática (Aulas presenciais)



Todavia, a ruptura provocada por fatores externos (pandemia) em todos os membros da comunidade acadêmica, desencadeou um processo de transição complexo, para o qual não havia experiência cultural prévia, transformando os professores também em membros de uma região periférica na comunidade de prática (Figura 3). Assim, docentes e discentes agora dividiam as mesmas angústias e dificuldades, para tentar migrar para uma região mais central na comunidade de prática.

Paulatinamente, a partir da orientação e normatização do ensino remoto no IFPE (ver a Tabela 1, p. 10), a comunidade de prática foi se adaptando, movendo-se a uma região mais centralizada, embora a nova configuração não tenha conseguido ofertar uma dinâmica compatível com o ensino presencial para o ensino do instrumento.

Figura 3: Comunidade de prática (Aulas / ensino remoto)



No âmbito educacional musical, podemos pensar o quanto a complexidade da linguagem é necessária para o desenvolvimento da prática instrumental e pedagógica, mas no ensino remoto isto não foi totalmente possível devido às dificuldades encontradas. Perde-se a interação de qualidade que favorece a aprendizagem do instrumento; o estudante, por vezes, não possuía o instrumento em casa (usava o da instituição), portanto não conseguia realizar as atividades musicais e nem se desenvolvia; perdia-se o *timing* da execução da música ao vivo na aula de instrumento, essencial à imediata correção quando necessário, entre outras dificuldades.

Após análise dos significados do(a)s estudantes sobre as transições resultantes da ruptura sob investigação, é possível perceber que o nível pragmático foi o mais demandado, pois todo conhecimento sobre a prática social relativa ao funcionamento do contexto educativo formal foi substituído. O nível existencial veio logo em seguida, pois a identidade de músico-estudante foi colocada em xeque. Vimos músicos profissionais e amadores vivendo fortes tensões e experienciando transições não-normativas que os levaram a desempenhar novas funções para garantir sua subsistência: músico que virou entregador de água, músico que virou confeitiro, entre tantas outras funções.

Por fim, é importante destacar que o ensino remoto emergencial não possuía, à época da sua implantação, a estrutura organizacional, logística, pedagógica e tecnológica que a educação à distância, há muito tempo dominava. Sem dúvida, o ensino remoto para a Licenciatura em música, em especial para o ensino do instrumento musical, não foi eficaz, como podemos afirmar com os achados deste estudo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esse estudo, analisar um recorte na trajetória dos estudantes do curso de Licenciatura em Música do IFPE Campus Belo Jardim, focalizando o processo de aprendizagem do instrumento musical, durante o ensino remoto, vivenciado no decurso da pandemia pela COVID-19.

Com este estudo foi possível identificar as mudanças de sentimentos experienciadas pelos estudantes no que se refere à transição do ensino presencial para o remoto e deste para o presencial novamente. Também os significados construídos no processo de transição decorrente da grande ruptura “suspensão das atividades acadêmicas presenciais de forma total”; identificar as dificuldades e facilidades experienciadas na vivência do ensino remoto, especificamente, no que se refere ao ensino do instrumento.

Os conceitos de ruptura e transição (ZITTOUN, 2006; 2012) e de níveis de significados - semântico, pragmático e existencial (ZITTOUN; BRINCKMANN, 2012) nos ajudaram a analisar o processo de aprendizagem constitutivo da dinâmica de transição investigada, revelando que o nível semântico foi o que mais foi demandado pelos participantes do presente estudo, uma vez que a comunidade de prática (ensino superior/instituição educacional) perdeu sua estabilidade a partir da disrupção que foi a pandemia pela COVID-19. O processo de transição decorrente revelou tensões e sentimentos bem negativos, uma vez que, mesmo havendo diretrizes para o ensino remoto (aulas síncronas e assíncronas), a aprendizagem do instrumento - objeto da nossa investigação, não ocorreu a contento.

Diante dos achados, surgiu uma nova inquietação: quais teriam sido os aprendizados construídos e incorporados no ensino presencial pós-pandemia? Essa é uma questão que poderá, a partir de novos estudos, descrever os frutos da pandemia para a educação, especificamente no que se refere a novas formas de ensinar e aprender, novos espaços formais de aprendizagem e, principalmente, formas de abordagem para saúde mental da comunidade de prática “instituição educacional”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. **Covid-19**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/covid-19-2/> Acesso em: 15 de março de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 343, de 17 de março 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://abnnes.org.br/legislação/portaria-mec-n-34>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

BRAGA, Simone Marques; FIGUEREDO, Michal Siviero; AMARO, Vinicius Borges; SILVA, Lais de Souza. **Práticas Pedagógicas musicais escolares: desafios de transição do ensino presencial para o ensino remoto**. 6º Nas Nuvens. Congresso de Música: Anais, Belo Horizonte, 2020.

MATTOS, E. **Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos**. Tese (Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

OLIVEIRA, Eduarda. Pernambuco prorroga estado de emergência em saúde pública por COVID-19: **Materia Diário de Pernambuco**, Recife, 2023. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/2023/03>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

Organização **Pan-Americana de Saúde**. Disponível em: <https://paho.org> Covid 19. Acesso em: 25 de março de 2023.

OMS **Organização Mundial de Saúde**, Disponível em: <https://www.poltize.com.br> fim da pandemia. Acesso em: 25 de março de 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Ensino Remoto ou Ensino a Distância: efeitos da pandemia**, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

SALDANHA, Paulo. Abandono de estudantes das escolas durante o COVID-19. **Matéria Revista Econômico valor** (online), Brasília/DF, 2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticias/2021/01/03>. Acesso em: 20 de outubro 2022

SES. Secretaria Estadual de Saúde. **Levantamento**. Disponível em: <https://portal.saude.pe.gov.br/noticias/secretaria>. Acesso em: 8 de outubro de 2022.

SILVA, Carla Cristie de França; FREITAS, Lêda Gonçalves de. Remoto, mas não distante: a reinvenção do ensino na Educação Superior em tempos de COVID-19. **Dialogia** Capa, n. 36, Universidade de Brasília. 2020.

SILVA, Pierre R. T. da. **Di Melo, um olhar sobre a expansão na esfera de experiência artística: entre rupturas e transições**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Música. IFPE Campus Belo Jardim. 2022.

TEDESCHI, Marcos Antonio;STRAUHS, Faimara do Rocio. O impacto do Ensino Remoto Emergencial na carga de trabalho dos discentes de um curso de Instituição Federal de Educação Superior, Revista **Extensão em Foco** UFPR n.20, 2021.

VALSINER, J. **The Guided Mind**. USA: Harvard University Press, 1998.

VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Trad. Ana Cecília S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente : O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZITTOUN. T. **Transitions. Development through Symbolic Resources**. Greenwich, CT: Information Age Publishers, INC. 2006.

ZITTOUN. T. Dynamics of life-course transitions: a methodological reflection. **Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences**. Chapter 18. Springer US, 2009, 405-429.

ZITTOUN. T. Life-course: a social-cultural perspective. In: VALSINER, J. (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. New York: Oxford University Press, 2012.

ZITTOUN, T.; BRINKMANN, S. Learning as Meaning Making. In: Seel, N.M. (Ed.), **Encyclopedia of the Sciences of Learning, Springer**, 2012. pp. 1809-1811, 2012